PRATICA QVE D. MANOEL DA CVNHA BISPO DE

Eluas, Capellaõ mòr de S. Mageſtade, do ſeu Conſelho de Eſtado, nomeado Arçebiſpo de Lisboa, fez no juramento do Sereniſsimo Principe Dom Affonſo, que Deos guarde, nas Cortes que ſe celebràraõ em Lisboa em 22. de Outubro de 1653. diante da Mageſtade delRey D. IOAM IV. noſſo Senhor, eſtando preſentes os tres Eſtados do Reyno.

A GENTILIDADE dizia antiguamente, que para ſe poder entrar nos Campos Ylizios, em que imaginaua toda ſua bemauenturança, era neceſſario leuar hum ramo de ouro, fruto de hũa Aruore famoſa entre todas as do

Mundo, a qual estaua em hum sagrado bosque encuberta; & para que se entendesse que a bemauenturança era perpetua, & lhes não auia faltar em tempo algum, diziaõ que se alguem achaua a aruore, & lhe cortaua o ramo de ouro, ella produzia logo outro semelhante em seu lugar.

Fabula foi esta fingida entre Gentios, entre nòs verdade certa, declarada na maneira que direi. Esteue Portugal por largos annos em poder de Reys alheos, sentia o captiueiro, desejaua a liberdade como bemauenturança, vacilaua sobre o meyo, não achaua o remedio, atè que foi ao sagrado bosque da Serenissima Casa de Bargança, & nelle achou hũa aruore com todas as qualidades referidas que o restituîo â liberdade; do que se ve que esta aruore entre nòs, he Sua Magestade que Deos guarde.

Era aruore encuberta, porque nunca se entendeo, senão agora, a razão porque Deos a conseruaua em hũa mesma grandeza tantos annos, sendo assi que as outras todas nascidas de igual principio, ou semelhante, ou acabáraõ, ou nisso, ou naquillo descahirão breuemente. He aruore famosa, não sò porque do bosque onde tem o nascimento procedem os Emperadores, os Reys, & Principes mayores que hoje há na Christandade, senão pella obediencia à Igreja, pello zelo grande de propagar a Fè de Iesu Christo, & pello animo constante na inteira obseruancia da justiça. He

aruore

aruorè perpetua de nossa bemauenturança, & gloria humana, porque não só nos restituío a liberdade, & a conserua de presente, mas nola assegura de futuro com os ramos de ouro que sò para este effeito produzio.

Foi o primeiro ramo de ouro aquelle Principe amado, & suspirado, cuja memoria por suas inclitas virtudes viuirâ em nossas saudades, & em nossos coraçoens eternamente; este cortou para sy o proprio Deos, porque espirito tam puro não era pera a terra, & espirito taõ grande não cabia cá na terra; mas não imagineis que o perdestes, lá no Ceo aonde viue immortal, & glorioso, està amorosa, & feruorosamente pedindo a Christo Deos que acabem ja nossos trabalhos, & venhaõ as felicidades prometidas ao nosso Rey primeiro; assi mo prometeo que o faria, quando nas vltimas horas, diante de S. Magest. lhe pedi em nome de todo este Reyno esta merce. Não he Senhor assi?

Cortado pois o ramo primogenito da aruore, ella nos offerece logo outro semelhante em seu lugar na Real pessoa do Principe Dom Affonso nosso Senhor, q̃ Deos nos guarde, que aly tendes presente, para que hoje neste acto com o juramento de vossa obediencia, & natural fidelidade, o reconheçais por Principe herdeiro, & successor legitimo destes Reynos, & Senhorios de Portugal, & por vosso Rey, & natural Senhor, depois

de

de largos, & felices annos de S. Mageſtade.

He Principe Auguſto todo, & todo grande, porque naſceo ja entre as mantilhas, & a purpura Real; he Principe digno de todo voſſo amor, porque he todo voſſo. Voſſo porque naſceo em voſſos braços; voſſo porque tem o nome amado, & ditoſo daquelle voſſo grande Rey primeiro; voſſo porque em ſeu fermoſo roſto, & varonil, & em ſuas acçoẽs particulares moſtra ja hũa liberalidade grande, & hum graõ valor, parte propria de Principe, & Senhor de Portugueſes: voſſo porque por voſſas lagrimas, & rogos volo concedeo o Ceo ſegunda vez, quando a morte injuſta ante tempo volo queria arrebatar. Principe pois que Deos vos deu por duas vezes, & com tantas circũſtancias, com grande cõfiança deuemos eſperar que o meſmo Deos o farâ pio, magnanimo, coluna da Igreja, terror dos infieis, honra da Patria, gloria dos vaſſallos com admiraçaõ do mundo.

PROPO-

PROPOSIÇAM QVE D. MANOEL DA CVNHA BISPO DE Eluas, Capellaõ mòr de S. Mageſtade, do ſeu Conſelho de Eſtado, nomeado Arçebiſpo de Lisboa, fez nas Cortes que ſe celebràraõ em Lisboa em 23. de Outubro de 1653. diante da Mageſtade delRey D. IOAM IV. noſſo Senhor, eſtando preſentes os tres Eſtados do Reyno.

DIZEM os Politicos, que os Reynos ſe conſeruão pellos meyos com que foraõ acquiridos. A experiencia nos enſina eſta verdade porque o Imperio dos Romanos com armas ſe acquirio, com armas floreceo; & tanto que eſtas lhe faltáraõ, acabou. O meſmo aconteceo aos Gregos com as letras, aos Perſas com as riquezas.

Mas deixemos os eſtranhos. Portugal com a vnião, & valor de ſeus vaſſallos, & aſſiſtencia de ſeus Principes naturaes, de pequenos principios ſe fez Reyno, creceo a Monarquia, conſeruouſe quatrocentos & trinta & tantos annos: no fim delles diuidiraõſe as võtades dos vaſſallos, enfraqueceo o valor. O Principe velho, & indeterminado não lhe quiz aſſiſtir quanto podia, paſſou o Reyno logo a Reys alheos.

Eſtiuemos ſojeitos a Caſtella ſeſſenta annos, & porque? Porque tantos fogio de nòs a vnião; eſteue oprimido o valor, & a aſſiſtencia de Principe pelas circunſtancias do tempo, prudentemente retirada; & que eſta foſſe a cauſa bem ſe vio, porque em hum dia sò, que valeroſamente vos vniſtes, aſsiſtidos de S. Mageſtade, neſſe meſmo dia reſtituiſtes Rey a Portugal, & Portugal a ſeu Senhor: logo aſsi eſtareis eternamente, ſe tendo eſta meſma aſsiſtencia com igual valor, & vnião, tratardes de vos conſeruar, & defender.

Mandou Sua Mageſtade juntar em Cortes hoje os tres Eſtados deſte Reyno, para nellas vos moſtrar que a aſsiſtencia da ſua parte eſtà ſegura, por obrigaçaõ, & por amor, eſperando de taes vaſſallos, que lembrados de quem ſaõ, ſe imitem a ſi meſmos, no que atè agora tem obrado em conſeruação da proeza que fizeraõ, & da gloria que acquiriraõ.

Nas Cortes paſſadas aſsẽtaſtes, que para a defenſa do Reyno eraõ neceſſarios em cada anno dous milhoẽs

lhoẽs & cento & ſincoenta mil cruzados; conſignaſtes eſtes na decima parte do rendimento que tiueſſeis,& em outros effeitos differentes, com aſſento, que ſe duraſſe a guerra, prorogarieis eſta contribuiçaõ em nouas Cortes.

Vimos a contribuição, & não vemos a defenſa que cõ ella ſe pretende, de que todos nos queixamos.

Queixãoſe as fronteiras, que ſe vem deſamparadas, & com riſco, & mais ſe queixàraõ ſe fallàraõ os campos mudos que nos piſa o inimigo. Queixãoſe os ſoldados, que expondo ſua vida por conſeruar a noſſa, a ferro, a fogo, & a pelouros, ſofrendo deſcalços, & deſpidos as neues, frios, & mais inclemencias do tempo intoleraueis, lhe faltamos com o mantimento preciſamente neceſſario em cada dia, & o que mais he, na doença, & nas feridas com a cura. São eſtes ſoldados voſſos naturaes, voſſos amigos, voſſos irmãos, & voſſos filhos. Queixãoſe os Pouos diſto meſmo, & dizem, que para eſtas fronteiras, & ſoldados offerecèraõ a fazenda, & a dão com amor liberalmente, ſofrendo por eſta cauſa incomodidades grandes em ſeu trato, & peſſoas; & que he couſa dura ſofrer com pretexto da commum conſeruaçaõ, & que eſta cada dia ſe peore, & atribuem tudo, hũs a que a contribuição ſe não faz com igualdade, outros a que não ſe cobra com inteireza, outros a que o dinheiro ſe diuerte, & outros a que ſe deſencaminha em varias mãos.

Nas primeiras duas queixas das fronteiras, & soldados, confesso que os queixosos tem razão. Na terceira dos pouos, paro hum pouco, digo assi, sede os juizes. Não duuido que a algũa pequena parte destas faltas dè occasiaõ o descuido, ou o defeito, ou o delito de algũs particulares, mas se a culpa he natural ao homem, porque he concebido em pecado, he cousa muito clara, que em quanto houuer homens hade auer culpas; cada hum olhe para si, em sua propria casa: que será numa republica? A prouidencia humana, a Iustiça, o Principe poderàõ castigar culpas, ou em parte preuenilas, mas euitalas de todo nunca pòde, porque nem pòde dar leys á natureza, nem vsurpar o poder que he sò de Deos. Lede as historias antigas, & modernas, as alheas, & as nossas, inquiri do que vai nas outras partes, & nos vizinhos, & achareis que em guerra tão viua, & dilatada como a nossa, nũca houue menos opressaõ, nem menos culpas; menos queixas pòde ser.

Ah! sofràmonos a nòs, porque não venhamos a sofrer hum inimigo. De nòs teremos queixas, ou màs, ou boas, mas sempre com esperança de remedio; do inimigo teremos queixas sempre com razão, nunca com remedio, nem esperança. Digo mais, que na causa principal de tantas faltas, ou ninguem està culpado, ou nòs todos temos culpa, porque verdadeiramente nace de a contribuiçaõ naõ chegar ao que era

necess-

neceſſario; logo ſe ninguem eſtà culpado, não nos queixemos, & ſe todos temos culpa, emendemos todos eſſa culpa.

Manda Sua Mageſtade ſe vos moſtre por menor o que tinheis prometido, & o que déſtes neſtes annos, a deſpeza que ſe fez, em que couſas, para que conſte a ſeus pouos, & vaſſallos a juſtificaçaõ com que ſe gaſtou o ſeu dinheiro, & que a contribuição em cada anno importou ſó hum milhaõ, & trezentos & vinte mil cruzados, que he menos do que ſe imaginaua ainda mais da terça parte; do que naſcem aquellas grandes faltas das fronteiras, & ſoldados, de que tanto nos queixamos. Não podereis mais, mas a culpa não he particular.

Manda mais Sua Mageſtade vos declare que Caſtella tem pazes celebradas com Olanda, não tem gaſtos ja em Alemanha, pella paz do Imperio com Suecia. Com França eſtá quaſi concertado. Pello contrario, que Olanda nos faz guerra declarada. E com Inglaterra não temos ainda pazes concertadas. E que eſtamos ſem eſperança dos ſoccorros que o Frances nos auia prometido, pellas inquietaçoẽs que de preſente ha naquelle Reyno: para que conſideradas eſtas couſas com o zelo, atenção, & cuidado que a importancia do negocio eſtà pedindo, ajuſteis a contribuição, cõ que vos poſſais defender do inimigo, hoje liure, & poderoſo. Com duas aduertencias: primeira,

que o tempo està entrado, & que he necessario ajustar com breuidade: segunda, que não temos para quem olhar, senão for para nos mesmos.

Mas ja que he força dizer isto; sofrey que me aparte hum pouco do intento, não serà fóra de proposito. Creo que Christo Deos quer que fiqueis no Teatro da Europa, contra o poder todo de Castella, pera que toda a gloria da empresa seja sua, & seja vossa, porque nunca consentio que Portugal tiuesse em suas necessidades, nẽ em suas glorias companheiro, senão elle: lede as historias. O senhor Rey Dom Affonso o conquistou, o senhor Rey Dõ Ioaõ o primeiro o defendeo dos Castelhanos, o senhor Rey Dom Manoel o leuantou a Monarchia, & todos como, & com que? com Portugueses só, & com milagres.

E notai que estes tres famosos Reys saõ todos auòs de S. Magestade, & que o primeiro, como tronco, lhe deu o ser, o segundo a casa, em que estiuesse conseruado, o terceiro o direito da Coroa.

Venhamos à assistencia que S. Magestade fez, & quer fazer a seus vassallos. Era S. Magestade Rey deste Reyno por direito, & nunca intentou tomar posse da Coroa, senão depois que lho pedistes, & ainda isto não bastou, senão depois que lhe dissestes, que nisso cõsistia o remedio da República; foi a razão, porque não queria reynar para comodidade sua, quis ser Rey para beneficio vosso. A principio fez pazes com Olanda,

porque

por q̃ assi lho acõselhastes; agora sofre a guerra, por q̃ os Tribunaes, & Cõselhos todos lhe disserão q̃ a condição de paz que nos propunha era peor que a peor guerra, & S. Magestade he hum Principe que nem amigo, nẽ inimigo, nem paz, nem guerra quer, senão regulada pello parecer de seus vassallos. Vende juro de presente com publicos editaes sobre sua Real fazenda, estãdo tam atenuada para ajudar vossa defensa: he a causa porque só para ella, & para vòs quer a fazenda. Quer que liuremente lhe digais, se algũa parte do que destes nestes annos pera vossa defensaõ, se desencaminhou, ou diuertio, porque vos dâ palaura, & fee real, que constãdo ser assi, mandarâ que se vos dê satisfação, & prouer no caso, como mais conuier ao bem cõmum, entendẽdo que este he o maior delicto que contra seu real seruiço se podia cometer. Mas aduerti que a justiça no juizo he obrigada ajustarse com as prouas, & não com os rumores, & que as prouas nascem de vòs mesmos, & que estas hũas vezes faltão, outras se desuiaõ, outras se encobrem, & algũas se perturbaõ, & a justiça fica sò a murmurada, como se ella diuertira, ou desencaminhàra as mesmas prouas. Quer outrosi que com toda a confiança lhe proponhais o q̃ entẽderdes he necessario para vossa defensa, & sobre o que derdes para ella, estando certos que se o proposto for conueniente, & possiuel, o mandarâ logo executar, para que vejais que de vòs sómente quer vossa defensa. E do

 vosso

vosso conselho, esquecido de sua propria Magestade, & Real soberania, quer as leys com que vos ha de conseruar, & defender. E sobre tudo na occasiaõ vos offerece a pessoa, o sangue, a vida, tendo grande sentimento de ver que não bastão todas estas cousas pera vossa defensaõ, & que saõ necessarios tambem vossos tributos.

Assiste pois Sua Magestade a seus vassallos com a vontade, com a fazenda, com a pessoa, & o que mais he com a propria honra; sabeis porque? porque he vosso Portugues, porque fala a vossa lingoa, porque he Pay, & vòs sois filhos, porque he vosso de justiça, & vós sois seus, & acrecenta Sua Magestade outra razão muy propria sua, porque vòs o mereceis. Resta logo a vniaõ, & valor da nossa parte. Direis, & eu o creo, que hũa, & outra cousa està segura, mas que o cabedal està muy atenuado. Eu o confesso, nem Sua Magestade he Principe que me mande persuadir a seus pouos, & vassallos, impossiueis, nẽ os quer; mas digo, que olhemos pera nòs, que he grande o risco.

Digo mais, que he obrigação dos grandes homẽs, obrigaçaõ de homẽs de honra, & obrigaçaõ natural de todos, que àquillo que hauiamos dár ao proprio gosto, & ainda à comodidade honesta, que o demos ao commum, & ao perigo. A natureza nos ensina, que por conseruar o corpo, corta o braço; cortar hũ braço nam he bom, mas a conseruaçaõ do todo o justifica. O

nauegante

nauegante na tormenta arroja, alisa ao már hũa parte da fazenda por saluar a outra parte que lhe fica. Estamos numa barca com tormenta, está nella embarcada toda a fazenda, a propria vida, & o que mais he a hõra toda; toda digo, porque he a honra da naçaõ, a hõra de vòs todos, de vossas mulheres, de vossas filhas, de vossas irmaãs, & das esposas consagradas ao proprio Deos: hauerá logo quem duuide dár, naõ digo dár, senão esperdiçar, arrojar ao már a fazenda que puder, para saluar hũa barca em que estaõ embarcadas todas as joyas da maior estimaçaõ?

Portuguefes, sois o exemplar de vassallos excellentes, que ninguem chegou nunca ao que fizestes. Não permitaes, não consintaes, que a acçaõ maior que viraõ as idades, que contaõ as historias, que admira, & venera o mundo todo, por falta de hũa pouca fazenda, se troque, ou se mude na maior afronta, & vituperio, & fiquemos para sempre o escarnio, o oprobrio das naçoẽs. He a fazenda cousa baixa, & alhea, porque nace da fortuna; he a honra cousa grande, & propria vossa, porque nace do valor. Não troqueis logo o grande que he vosso, pelo baixo que he alheo: maiormente que se defenderdes a honra, tereis tudo, & se esta se perder, com ella perderemos, naõ sò a fazenda que queremos conseruar, mas a propria terra que a produz, & se alguem nella ficar, ficará só como estrangeiro.

Ere-

E reparai, que aquillo que agora dais liberalmente, & por tempo limitado, para vossa liberdade, se as cousas se trocarem, o haueis de dar forçados eternamente para vosso catiueiro.

Demos logo tudo o que pudermos á nossa propria honra, & á commum necessidade. Cada hum se ajuste com a obrigaçaõ de seu officio, o Ecclesiastico, o Nobre, os do Pouo, & o Soldado, para que fazendo nòs da nossa parte o que deuemos, & o que podemos, mereçamos que aquelle grande Deos que tudo pòde, & costuma amparar, não o maior poder, senão a melhor causa, continue com os milagres que atègora tem obrado em defensa deste Reyno, & acabe de entender Castella de hũa vez, & o mundo todo, que este Reyno tem protecçaõ no ceo, & vassallos na terra, que sabem dar o sangue, & a fazenda por conseruar a Coroa de seu Principe, saluar a patria, & defender a liberdade, com o que ficará vosso nome eternizado nos bronzes, na memoria dos homẽs, na fama das cousas, na eternidade dos tempos.

REPOS-

REPOSTA
QVE DEV O DOVTOR
IORGE DE ARAVIO
ESTACO,

FIDALGO DA CASA DE S. Magestade, & do Conselho de sua Fazenda, & Iuiz das Iustificações della, como Procurador de Cortes da Cidade de Lisboa, à proposta do juramento do Serenissimo Principe DOM AFFONSO *nosso senhor, feita pelo Bispo Capellão mór, em o acto de Cortes de 22. de Outubro do anno de 1653.*

M. ALTO, E PODEROSO REY, E S. N.

PERGVNTAM os naturaes qual he mais admirauel: a Pheniz renacida de cinzas frias, ou a Aguia renouada na velhice, & fraqueza dos annos?

Estas duas marauilhas da natureza, que elles mal enten-

entendèraõ, saõ as que hoje admiramos juntas na Serenissima, & Real pessoa do nosso grande Principe Dom Affonso, que Deos nos guarde largos, & venturosos seculos. Pois como outro Pheniz o vemos renacido das cinzas frias do Santo Principe Dõ Theodosio, trasladado por suas inclitas virtudes a mais glorioso Reyno: para que entre os Principes de Europa seja o mais raro, como no mundo he raro o verdadeiro Pheniz na admiraçaõ dos homens.

E tambem como Aguia generosa o veneramos renouado da pueril fraqueza, em que o fatal destino o teue ameaçado no berço de seus primeiros annos; para que assi crecido venha abater da Imperial Aguia as fingidas cabeças.

Se jà naõ foi que o nosso primeiro, & milagroso Rey Affonso, milagrosamente nos resuscitou este segundo, para emulo de suas glorias, para Senhor de larga sementeira, & conquistador dos dilatados Imperios que Deos lhe hauia prometido para este sucessor, nos largos campos do famoso Ourique. Mas não he menos admirauel a honra, & merce que Vossa Magestade hoje nos faz na entrega do filho mais amado, o Principe Dom Affonso, ditoso, grande, & desejado pelo nome, & ainda mais desejado pela sua real presença, em cujo magestuoso agrado estamos já vendo o comprimento de nossas esperanças, & as desejadas vitorias pendentes da boa fortuna de seu amado nome.

Ajoe-

Ajoelhados pois aos reaes pès de Vossa Magestade rendemos as deuidas graças por taõ singular merce. E aqui em nome deste Reyno com o juramento, & omenagem de nossa fidelidade ingenuamente reconhecemos ao esclarecido Principe Dom Affonso por verdadeiro, & legitimo sucessor dos Reynos de Portugal, despois dos largos, & felices annos de Vossa Magestade.

Agora, Senhor, parece logramos jà as prometidas felicidades deste Reyno, vendo a Vossa Magestade estabelecido em sua mesma grandeza; firmado nas longas raizes de quatorze annos de seu imperio, & acompanhado de sua Alteza, que apparecido em flor, he jà aliuio, & lisonja ao peso do gouerno, como despois em mais crecida idade o hauemos de ver arrimo, & ao diante emulo, & imitador das excellentes virtudes de Vossa Magestade. As quaes seruiraõ sempre a Sua Alteza de espelho, & a nòs de confiança, que em sua posteridade Augusta, de hũa em outra, eternamente ficaràõ em nòs viuas as eternas memorias de Vossa Magestade.

E nòs tambem na mesma imitação procuraremos tornar a ser o que foraõ nossos maiores; pois jà Deos Nosso Senhor nos restituio aos nomes, & Reys que elles tiuerão, a cujo exemplo, ainda hauerà nouos climas a que passemos, & nouo mundo que descubramos

bramos ao grande, & dilatado Imperio de Vossa Mageſtade, que hade eſtar firme, inda que o tempo voe, que hade viuer, inda que o tempo acabe. Dixi.

REPOSTA
QVE FEZ O DOVTOR
IORGE DE ARAVIO
ESTAÇO,

FIDALGO DA CASA DE S. Magestade, & do Conselho de sua Fazenda, & Iuiz das Iustificações della, como Procurador de Cortes da Cidade de Lisboa, à proposta feita pelo Bispo Capellão mór, em o acto de Cortes, que se celebrarão em os 23. de Outubro de 1653.

M. ALTO, E PODEROSO REY, E S. N.

A PRIMEIRA, & suprema ley do gouerno politico, he a saude da Republica, porque à sua vtilidade se encaminhão as leys todas; em sua segurança se expoem a vida de todos; & a seu fim sòmente se buscaõ, & adorão os Reys, que a gouer-

gouernão na paz, & defendem na guerra, sendo ella a senhora, & elles os ministros.

E bem era que asi fosse, porque auendo muitas Republicas sem Rey, não he possiuel que haja Rey sẽ Republica. E sendo a vida dos homẽs medida pella cõta dos annos, a das Republicas pòde igualarse à duração do mundo.

Porem esta ley de todos não passa assi no nosso Reyno, cuja vtilidade, cuja segurança, & cujo fim consiste hoje sòmente na perpetuidade do Rey que Deos nos deu. Sem o qual no estado presente a que chegamos a fermosura da Republica se cõuerteria em oprobrio, os pouos em deserto, & os moradores em catiuos.

Melhor diremos logo que a suprema ley do nosso politico gouerno, não he ja a saude da Republica, he a saude daquelle Rey que de Republica escraua a fez senhora, de oprimida liure, & de conquistada victoriosa.

E bem he que assi seja, pois os nossos soberanos Reys de vassallos nos passárão a filhos, & nòs a elles de Reys a Tributarios, como ja disse hum Politico Frances admirado da criação que temos nos foros da casa Real; no emparo, & recolhimento dos orfaõs, & donzellas; & no sangue de seu proprio peito, com que no amoroso Simbolo do Real Pelicano, professaõ sustentarnos, naquella diuina, & tam decantada letra: Pella ley, & pella grey.

E não

E não he menor que todas as merces passadas, a que logramos de presente, mandandonos V. Magestade ajuntar aqui, & chamar tantas vezes, não pera o particular que muitos Reys costumão, mas pera o commum da nossa defensaõ, de que o nosso descuido parece hum viuo despertador dos desuelos de V. Magestade.

Por tanto ajoelhados aos Reaes pés de V. Magestade, rendemos as deuidas graças de tam assinalada, & singular merce. E firmemente dizemos que de nossa parte não hâ, nem houue nũca difficuldade algũa ao que V. Magestade nos manda aqui propor; faltas poderà ser q̃ houuesse, mas essas remedea V. Magestade como Rey, & perdoa como Pay. E ainda como sabio, & prudente Mestre de reynar, ensina V. Magestade a seus ministros aquella lição grande de Alexandre, que não queria na sua horta hortelaõ que arrancasse, senão que colhesse.

Reconhecemos, senhor, que a nossa contribuiçáo será menor que a necessidade: mas tambem he maior que tudo a grandeza de V. Magestade. E se a possibilidade do Reyno, da mesma maneira he menor que a necessidade, tambem o amor delle sem medida he maior; aonde não chegar a fazenda, suprirâ o sangue das veas, & todos as abriremos pera o sustento dos soldados, & defensa da Real pessoa de V. Magestade.

Menos nos assombrão os erros q̃ atèqui houuesse, pois

pois não he possiuel, que em quanto ouuer homẽs os não haja, saõ filhos da corrupção da natureza, hão se de sofrer como nos sofremos. Mas muitas graças a V. Magestade, que só cõtra nòs não sofre os nossos erros, & sempre os vay remediando, ja nas segundas, & terceiras Cortes; & agora nestas com a summa prouidencia, & igualdade de V. Magestade sem falta acabaràm de todo.

Assi o esperamos na diuina misericordia: & que vendo V. Magestade hoje em seus vassallos os coraçoens abertos, veja igualmente nelles o amor, & as miserias, tanto a necessidade, como as forças, pera que igualada esta balança, se iguale em todos o seruiço de V. Magestade; assi como V. Magestade no equilibrio de sua justiça, foi, & he sempre igual a todos. E se os Imperios do mundo sò nella se sustentão, eterno será logo o de V. Magestade acquirido, conseruado, & gouernado cõ a maior justiça. Dixi.

Por ordem de S. Magestade, & com licença do Sancto Officio.

EM LISBOA.

Na Officina Craesbeeckiana. Anno 1653.